

Recebido em: 18/09/2023

Publicado em: 27/09/2023

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n2.entrevista>

ENTREVISTA COM ANA MERCÊS BAHIA BOCK

Jose Valdeci Grigoletto Netto¹ Orcid 0000-0002-8845-3041

1. Algumas palavras introdutórias

Acredito que todas/os estudantes de Psicologia já se debruçaram em algum texto de Ana Mercês Bahia Bock durante sua jornada na graduação. Grande pesquisadora, Bock é nome de referência quando nos propomos a ler uma Psicologia ética, crítica e comprometida.

Recorrendo à minha história, enquanto cursava Psicologia, há pouco mais de uma década, fui apresentado aos seus escritos e me encantei: não apenas pelo conteúdo em si, mas pela forma na qual a escrita parecia deslizar no papel, de fácil leitura e entendimento; mas atenção: aqui, fácil não significa ausência de temas importantes, de dura leitura, densos. Esta é uma diferença crucial nos textos de Ana Bock: a possibilidade de transformar temas difíceis em um material fluído e acessível ao leitor.

Alegria maior foi ter a oportunidade de encontrá-la presencialmente em uma palestra realizada na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, no ano de 2016. Ainda estudante, junto com uma amiga, fiquei admirado com sua força e compromisso com a Psicologia. Me recordo que saí da palestra pensando: *um dia quero ser assim...*

Hoje, em 2023, pensando em profissionais para entrevistar e que poderiam contribuir com a Revista *Conversas em Psicologia*, na qual estou como Editor Chefe, seu nome foi o primeiro a surgir em meu pensamento: Ana Bock seria a pessoa certa para entrevistar. Assim, fiz contato via e-mail, no qual fui rapidamente respondido com o aceite. Que felicidade! Após enviar as

¹ Doutorando em Psicologia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP FCL Assis. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, UEM. E-mail: josegrigoletto@outlook.com

perguntas, logo recebi o arquivo com as respostas, em uma mensagem repleta de afeto e disponibilidade. Fiquei encantado com a leitura, parecia que eu estava lá em 2016, sentado naquela plateia outra vez, o jovem aluno ouvindo com atenção e tomando notas; li cada palavra com sua voz, cada entonação. É uma alegria poder compartilhar desta leitura com vocês.

Fiquem com a riqueza desta entrevista.

Boa leitura!

2. Currículo da entrevistada²

Psicóloga, possui graduação em Psicologia (1975), mestrado (1991) e doutorado (1997) em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora titular da mesma Universidade, onde ministra aulas no curso de graduação em Psicologia e no curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. Tem várias publicações como organizadora, autora ou coautora. Participa de comissões editoriais de várias revistas na área de Psicologia. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Sócio-histórica, atuando e pesquisando principalmente nos seguintes temas: Psicologia, educação, Psicologia sócio-histórica, profissão e compromisso social e dimensão subjetiva da desigualdade social. Coordena grupo de pesquisa: A Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social: suas diversas expressões. Foi presidente do Conselho Federal de Psicologia por três gestões. Preside o Instituto Silvia Lane -Psicologia e Compromisso Social.

3. A entrevista

Dra. Ana, em sua caminhada profissional, como você encara os avanços da Psicologia no século XXI? O que ainda precisa ser aperfeiçoado?

Eu me formei em 1975, na PUCSP. A Psicologia tinha poucos avanços, inegáveis, mas poucos. A Psicologia Social Comunitária que se desenvolvia a partir das universidades e uma

² Informações extraídas em 20/09/2023 do Currículo Lattes da entrevistada.

pressão exercida sobre os governos de prefeituras e Estados para a abertura de espaço para atuarmos na saúde pública. Nas universidades muitos questionamentos sobre “que psicóloga queremos ser?”, “a quem queremos servir?”. Quero dizer com isto que começávamos a repensar nosso papel social. Mas são nos anos 1990 que vão, efetivamente, trazer novos ventos. A chegada ao século XXI já trazia muitos avanços. E a I Mostra de Práticas em Psicologia: psicologia e compromisso social, no ano 2000, anunciou a nova psicologia para o novo século. A Mostra rompeu a barreira que estreitava a psicologia naquelas três áreas tradicionais, com fazeres e instrumentos pouco diversificados. A Mostra, ao romper a barreira, incluiu no campo da Psicologia muitos novos fazeres: a Psicologia estava em todos os lugares onde alguém a quisesse e precisasse dela, como na rua, nas rádios comunitárias, no movimentos sociais, nos sindicatos, em instituições e ONGS das mais diversas, enfim, ampliávamos nosso campo, nossa inserção e nosso reconhecimento social. Tínhamos um projeto para o século XXI: o projeto do compromisso social. E o novo século se apresentou então com a necessidade de avançarmos, construindo novas formas de trabalho e incentivando a produção de novos saberes. Problemas sociais como o racismo, a desigualdade social, a fome, a violência, o preconceito, os ataques à democracia, a invasão e apropriação de nossas subjetividades pelas plataformas de inteligência artificial tomavam lugar na Psicologia. Era preciso termos respostas para estas questões/ problemas. Eu diria que estamos exatamente neste momento: tomando estas questões como nossas e buscando a produção das respostas que precisamos oferecer à sociedade que nos regulamentou, esperando de nós contribuições para um mundo melhor. Mas estamos ainda em processo.

Quando pensamos na Psicologia, principalmente nos últimos anos, como podemos relacioná-la com nosso contexto político? Há relações possíveis e impossíveis?

Só há relações possíveis. A Psicologia é um saber-fazer que foi regulamentado (no Brasil) para poder contribuir com a melhoria da qualidade e das condições de vida. Nenhuma sociedade reconhece uma profissão se ela não tiver contribuições a oferecer. Quando foi regulamentada, nos anos 1960, se apresentava como profissão que contribuía para o desenvolvimento do projeto de modernização no Brasil. Neste século XXI, a Psicologia escolheu novas tarefas que falam das condições de vida de nossa gente. Seja uma meta ou a

outra, a Psicologia está diretamente relacionada com os projetos sociais, com a criação de um determinado Brasil. Não há como separar a Psicologia da vida vivida coletivamente no país. Isto lhe dá a natureza política que possui. Psicologia rima com a vida vivida, com a vida coletiva. Nossos saberes e nossos fazeres afetam, impactam a vida da sociedade. Isto quer dizer que Psicologia tem relação obrigatória com a vida na sociedade e por isto tem natureza política. Ocultar esta relação nos leva a trabalharmos para manter o que está instituído e não para mudar o que precisa.

Ainda sobre a relação da Psicologia com a política, em especial no Brasil, como você compreende os/as profissionais da categoria que se posicionaram a favor de discursos fascistas nas últimas eleições?

Psicologia rima com democracia. Tenho dito que é cinismo uma psicóloga(o) que não lute e não se posicione na defesa da democracia. Somos profissionais da saúde e isto quer dizer que trabalhamos para que as pessoas possam estar confortáveis na vida, oferecendo possibilidades reais de saúde mental. Sabemos, todas e todos na Psicologia, que saúde mental exige autonomia, possibilidade de ter e realizar projetos para si e para sua comunidade, poder ter voz e defender suas posições, lutar pelo que se quer e se considera bom para a vida coletiva, estar incluído como cidadão, autogovernar-se e, hoje, a possibilidade de termos estas condições se relacionam diretamente à condição democrática de nossa sociedade. Não se pode ser uma psicóloga que atue para a saúde mental e que não lute pela democracia. Seria incongruência; cinismo. A posição da Psicologia, através de suas entidades e grupos de profissionais e pesquisadores precisa ser contra qualquer forma de fascismo. Fascismo é o oposto do bem comum. Fascismo é ódio, destruição do outro, violência... Tudo isto é absolutamente estranho à Psicologia. Se há psicólogas fascistas? Há fascistas que se formaram em psicologia, mas não podem ser reconhecidos pela categoria e pelas instituições da Psicologia como pertencentes ao seu campo, ao seu espaço social.

Sobre isso, infelizmente, em 2023 ainda encontramos profissionais da Psicologia que se posicionam a favor de uma Psicologia predominantemente amparada em pressupostos eurocêntricos, hegemônicos, ortodoxos e que não leve em consideração nossa cultura brasileira. Como lidar com isso?

Pois é. A transformação da Psicologia é um processo social e é preciso atuar para a mudança e ter uma dose de paciência histórica. Os cursos de Psicologia, hoje, em sua maioria debatem ou falam em algum espaço sobre direitos humanos, sobre compromisso social, sobre democracia. Nossas entidades já não estão sob grupos reacionários ou muito conservadores. Há, visivelmente, um avanço, na busca da transformação da Psicologia, na direção de um saber e um fazer críticos. Todas as teorias, no campo da Psicologia, fizeram seus avanços nesta direção. Há muito caminho a percorrer, em especial na crítica ao pensamento colonizado que marca nossa história e nossa produção. Mas há esforços importantes que buscam acelerar o processo: a ULAPSI - União Latino-americana de Entidades de Psicologia é um deles. A busca de autores latino-americanos, negros e negras de nosso campo, saberes e fazeres que estejam voltados às necessidades e urgências de nossa sociedade estão aí, disputando espaços nas universidades e nas instituições. Nossos esforços de nos aliarmos a setores progressistas da sociedade brasileira, de apoiarmos iniciativas que busquem transformações fazem parte importante no processo.

Em sua caminhada profissional, como você lidou e ainda lida com críticas frente aos seus posicionamentos políticos?

Lido chamando para a conversa, para o diálogo. Sou uma professora de muitos anos de docência. Aprendi neste espaço a conviver com a diversidade e com a diferença. É preciso avançar sem que isto signifique termos uma só ideia circulando. A riqueza de ideias e o debate entre elas é instrumento eficiente de transformação, porque avançaremos todas juntas. Liderança que caminha sozinha na frente do coletivo não é uma liderança progressista. Outra forma de lidar com isto é, na conversa, sermos capazes de demonstrar que todas somos políticas em nossos fazeres e saberes. Não há o neutro, o apolítico: isto é pura ideologia, ou seja, isto é acobertamento da natureza política de todos os nossos saberes e fazeres. Querem uma sociedade X ou Y é ter um projeto para a vida coletiva e isto nos faz políticas. Mas isto deve ser debatido, conversado, permitindo o respeito pelos diversos projetos e se lutando para que os projetos que são inclusivos, que pregam e incentivam relações solidárias, portanto os que são democráticos, que combatem a desigualdade social sejam fortes na disputa por um mundo melhor.

Como podemos entender o conceito de Compromisso Social na contemporaneidade, tema que você sempre aborda em seus textos e discussões?

O compromisso social é uma meta dos fazeres e saberes da Psicologia e ele acompanha as mudanças da sociedade indicando novos campos de expressão e de luta. Hoje, a Psicologia luta para ser acessível a quem dela precise, para possuir instrumentos teóricos e recursos técnicos que se relacionem diretamente com as necessidades de nossa gente, que tenha como meta abolir condições sociais degradantes, como a desigualdade e a fome, que contribua para dar visibilidade às formas de manipulação e violência que impõem formas de ser e pensar... enfim, o projeto do compromisso social é uma afirmação de intenções de termos uma Psicologia a serviço da sociedade e da construção da democracia e da igualdade, do respeito à vida e às relações solidárias. O que deveremos fazer em cada lugar e em cada momento, o contexto nos dirá.

Para encerrar, gostaria de pedir que você deixasse uma fala em especial para acadêmicos e acadêmicas que estão se construindo na caminhada da Psicologia.

O momento da universidade, da formação, é o momento em que aprendemos a dialogar criticamente com a realidade social, ou seja, aprendemos Psicologia permitindo que a realidade faça perguntas a ela, pois é deste encontro da Psicologia com a realidade social que produziremos uma Psicologia crítica. Aproveitem o momento da universidade para ousar, para perguntar, para duvidar. Este é o verdadeiro papel da formação universitária. Não vamos à escola para aprender a verdade; vamos para aprender a perguntar, a duvidar das certezas até então produzidas. A Psicologia é uma profissão da sociedade e não pode ser exercida sem que sirva a ela. Nos cabe perguntar quais são as necessidades e como a Psicologia pode ajudar a responder e a transformar. Uma profissão regulamentada, ou seja, afirmada como necessária, tem que saber que sua meta é produzir condições de vida digna para todos.

Obrigado por seu tempo, Dra. Ana Bock.

Até breve!